**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO**

**PRÓ-REITORIA PARA ASSUNTOS ACADÊMICOS**

**DIRETORIA DE DESENVOLVIMENTO DO ENSINO**

## **PROGRAMA DE COMPONENTE CURRICULAR**

|  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- |
| **TIPO DE COMPONENTE (Marque um X na opção)** | | | |
|  |  |  |  |
| x | Disciplina |  | Prática de Ensino |
|  | Atividade complementar |  | Módulo |
|  | Monografia |  | Trabalho de Graduação |
|  |  |  |  |

|  |  |  |  |  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- |
| **ESTATUS DO COMPONENTE (Marque um X na opção)** | | | | | | | |
|  |  | | | | |  |  |
| x | OBRIGATÓRIO |  |  | ELETIVO |  |  | OPTATIVO |

### **DADOS DO COMPONENTE**

|  |  |  |  |  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- |
| Código | Nome | Carga Horária Semanal | | Nº. de Créditos | C. H. Global | | Período |
| Teórica | Prática |  |  | |
| EC245 | Componente Curricular: Formação Econômica do Brasil | x |  | 60 |  |  | |

|  |  |  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- | --- | --- |
| Pré-requisitos |  | Co-Requisitos |  | Requisitos C.H. |  |

EMENTA

|  |
| --- |
| FUNDAMENTOS ECONÔMICOS DA OCUPAÇÃO TERRITORIAL - ECONOMIA ESCRAVISTA. TRANSIÇÃO PARA O TRABALHO ASSALARIADO. ECONOMIA DE TRANSIÇÃO PARA UM SISTEMA INDUSTRIAL. |

OBJETIVO (S) DO COMPONENTE

|  |
| --- |
| **Objetivo geral**: Proporcionar ao estudante a oportunidade de conhecer e refletir criticamente sobre interpretações acerca da formação econômica do Brasil, até o desenvolvimento da indústria.  **Objetivos específicos:**  A partir das discussões teóricas, construir uma reflexão crítica sobre as instituições que formam o capitalismo brasileiro.  A partir da formação econômica do Brasil, pensar as questões do nosso capitalismo na atualidade, ressaltando a questão regional do Nordeste. |

PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

|  |
| --- |
| Visando um aprendizado autônomo e crítico, a docente sugere a bibliografia que deve ser debatida pelos discentes em aula. O objetivo é ter um espaço de reflexão na sala de aula. O contato com o conteúdo programático e a reflexão individual devem ser realizados previamente. Assim, para que a disciplina alcance seus objetivos didático-pedagógicos é necessário que os discentes estudem os textos antes do encontro coletivo. Portanto, as discussões devem ter vínculo com os textos, sendo a leitura indispensável. A cada aula um grupo ficará responsável por apresentar os principais pontos dos textos. A apresentação não deve ultrapassar 40 minutos. A apresentação de slides ou de qualquer apoio didático não será considerada como critério para a avaliação, sendo essa recomendada se ajudar na organização da apresentação do grupo. Após essa exposição, os demais discentes são convidados a exporem suas impressões dos textos e dos assuntos discutidos em aula.  Estudos dirigidos: Serão enviados separadamente, com suas recomendações próprias e integram a avaliação. |

AVALIAÇÃO

|  |
| --- |
| Por ordem de chamada, os discentes serão divididos em grupos pela docente, que ficarão responsáveis pela apresentação do conteúdo referente a uma aula. A apresentação dos textos corresponde a 40% da nota. A nota é individual e se restringe ao domínio do conteúdo completo (toda a bibliografia referente à aula). Assim, divisões de partes do texto para a apresentação serão unicamente para a organização dos discentes, o que é recomendável, **mas todos precisam ler e preparar a apresentação de toda a bibliografia**. Caso um discente não compareça na apresentação, sem justificativa, a nota será igual a ZERO e o outro membro do grupo deverá conduzir a apresentação do texto, sem prejuízo do conteúdo. A avaliação considerará a dedicação e o domínio da leitura e do conteúdo do texto.  Sobre os estudos dirigidos (que compõem 40% da nota), esses devem mostrar a leitura da bibliografia proposta, podendo trazer as principais ideias, tópicos ou mesmo a percepção acerca do conteúdo por parte do discente. Do mesmo modo, os critérios de avaliação serão o domínio do conteúdo do texto e a reflexão crítica compartilhada, não sendo em nenhum momento a concordância ou discordância com os autores dos textos sugeridos um critério avaliativo. No entanto, discordância e concordâncias devem ser emitidas com base na leitura previamente realizada. Os outros 20% da nota serão divididos em avaliações ao longo do semestre, que visam captar o acompanhamento das leituras e dos debates em sala de aula. Essas avaliações não terão aviso prévio, sendo discursivas ou objetivas, visando captar a qualidade da apresentação dos trabalhos, bem como o comprometimento e a concentração daqueles que estão assistindo as apresentações.  OBSERVAÇÕES IMPORTANTES DE CONDUTA:  \_ É de responsabilidade do educando acompanhar as aulas, bem como o seu andamento e o conteúdo proposto. As alterações no plano de ensino, quando ocorrerem, serão avisadas por email e em sala de aula.  \_ Há total liberdade de posicionamento sobre as leituras propostas. Por isso, em momento algum se exige a concordância com a leitura recomendada, mas que discordâncias sejam feitas a partir destas. Assim, devemos construir um debate acadêmico de qualidade.  \_ São vetadas quaisquer chacotas ou intimidações entre colegas, bem como comentários preconceituosos.  \_ É vetada, sob penas legais, qualquer captura de imagem e som na aula, seja dos docentes ou dos discentes. É fundamental que o ambiente da sala de aula seja respeitado e seguro, garantindo posicionamentos de ideias e debates, como deve ser o ambiente acadêmico.  \_ Quaisquer dúvidas sobre a disciplina e o plano de ensino só serão esclarecidas pela professora nas aulas 02 e 03. Posteriormente, não procurar a professora para esses esclarecimentos. Discentes que ingressarem no período de ajuste de matrícula leiam o plano de ensino e se informem com os demais colegas. A lista para participação nos seminários será reajustada quando do término do período de ajuste de matrícula e enviada para todos.  \_ Teremos dois professores em estágio docência (o professor Pedro Henrique e o professor Winis, ambos mestrandos do PIMES). Quando estes estiverem em aula, terão a autonomia garantida aos professores e respondem como professores da disciplina em tudo o que a isso compete. |

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO e plano de atividades

|  |  |
| --- | --- |
| **AULA** | **CONTEÚDO e Bibliografia** |
| 08.09 | Apresentação da disciplina |
| 09.09 | Sobre as questões nacionais e a economia brasileira |
| 15.09 | Processo sócio-cultural  Darcy Ribeiro – O povo brasileiro – III parte, cap. 3, 4 e 5 |
| 17.09 | Processo sócio-cultural  Bibliografia: Darcy Ribeiro – Sobre o óbvio  Benjamin – uma ideia de Brasil |
| 22.09 | O sentido da colonização  Caio Prado Jr. – Formação do Brasil Contemporâneo –  Furtado cap. 1 e 2  **GRUPO 1** |
| 24.09 | O sentido da colonização  Novais cap. 1 ao 4  **GRUPO 2** |
| 29.09 | Fundamentos econômicos (11.12.24)  Furtado cap. 3 a 7  Schwartz, cap. 8  **GRUPO 3** |
| 01.10 | Fundamentos econômicos (16.12.24)  Furtado 8 a 12  e Florentino - Empresa traficante  **GRUPO 4** |
| 06.10 | Fundamentos econômicos  Furtado, cap.13 a 15,  Santos, Mercantilização  **GRUPO 5** |
| 08.10 | Fundamentos econômicos  Furtado, cap. 16-19  Graham, Sul dos EUA X Brasil  **GRUPO 6** |
| 13.10 | Contexto da Independência  Viotti da Costa;  Maxwell;  Novais (independência)  **GRUPO 7** |
| 15.10 | Economia Cafeeira  Furtado, cap.20  Bacha - Café 1 e 2  **GRUPO 8** |
| 20.10 | Monitoria para o SEGUNDO Estudo dirigido |
| 22.10 | Economia cafeeira  Tosi e Faleiros – café e ferrovias  Faleiros – os homens do café  **GRUPO 9** |
| 27.10 | Fortalecimento e manutenção de uma economia de mercado agro-exportadora intensiva em trabalho e terra.  Análise da mão-de-obra  O Brasil na ordem internacional: inserção subordinada no comércio exterior a partir da segunda metade do sec. XIX - Gestação da Economia Cafeeira  Formação do mercado de trabalho e desenvolvimento do mercado interno  Circunstâncias da abolição da escravidão e da formação do mercado de trabalho livre no Brasil.  Furtado, cap. 21 ao 26).  **GRUPO 10** |
| 29.10 | Economia cafeeira e política cafeeira  Dinâmica de funcionamento: difícil adaptação ao padrão-ouro, políticas de manutenção da renda do setor cafeeiro.  Furtado (cap. 27 ao 31)  **GRUPO 11** |
| 03.11 | Prado (História Econômica do Brasil, 1978, caps. 21, 22 e 23)  **GRUPO 12** |
| 05.11 | Da década de 1920 a 1930  Fausto  Cano  **GRUPO 13** |
| 10.11 | Fonseca anos 1930  Carraro e Fonseca  **GRUPO 14** |
| 12.11 | Origem da industrialização  **Discutir as especificidades da industrialização na fase monopolista do capitalismo, as origens da burguesia industrial, a matriz social e as origens do capital industrial brasileiros.**  Suzigan1;  Furtado capítulos 32 e 33  **GRUPO 15** |
| 17.11 | Monitoria para o TERCEIRO Estudo dirigido |
| 19.11 | Problematização da industrialização brasileira  Bresser; Saes  **GRUPO 16** |
| 24.11 | Monitoria para o QUARTO Estudo dirigido |
| 27.11 | Problematização da industrialização brasileira  Suzigan2  **GRUPO 17** |
| 01.12 | Brasil contemporâneo a luz de sua formação econômica |
| 04.12 | **Desenvolvimento econômico do Brasil e a questão tributária**  **Entrega dos TRÊS estudos dirigidos** |

BIBLIOGRAFIA OBRIGATÓRIA

BACHA, E. Política brasileira do café: uma avaliação centenária. In. 150 anos de café: textos de Edmar Bacha e Robert Greenbill. Org. Martins, M.; JOHNSTON, E.  São Paulo, Salamandra Cons. Editorial, 1992, p. 158.

BAER, W.; KERSTENETZKY, I.; VILLELA, A. V.. As modificações do papel do Estado na economia brasileira. Pesquisa e Planejamento Econômico. N. 3, v. 4. P. 883-912. 1973. Disponível em: <http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/6554/1/PPE_v3_n3_As%20modifica%C3%A7%C3%B5es.pdf>

BENJAMIN, C. Uma certa ideia de Brasil. In. Enciclopédia de Brasilidade. Editora BNDS. 2005.

BRESSER-PEREIRA, L. C. Três hipóteses sobre o início da industrialização e a economia cafeeira. Empresários e Administradores no Brasil.

CANO, W. Da década de 1920 a de 1930: transição rumo à crise e a industrialização no Brasil. R. Pol. Públ., São Luís, v.16, n.1, p. 79-90, jan./jun. 2012.

CARRARO, A.; FONSECA, P. C. D. O Desenvolvimento Econômico no Primeiro Governo de Vargas

(1930-1945). Publicado nos Anais do V Congresso Brasileiro de História Econômica e 6ª Conferência Internacional de História de Empresas, Caxambu, MG - v. CDRom, 2003.

COSTA, E. V. da. Introdução ao estuda da emancipação política do Brasil. In. Corpo e Alma do Brasil: Brasil em perspectiva. Org. MOTA, C. G.. Difel. 1984.

FALEIROS, R. N.. Homens do café: relações de trabalho em Franca/SP 1890-1920. Anais do V Congresso Brasileiro de História Econômica e 6ª Conferência Internacional de História de Empresas. 2003. Disponível em: <http://www.abphe.org.br/arquivos/2003_rogerio_naques_faleiros_homens-do-cafe-relacoes-de-trabalho-em-franca_sp-1890_1920.pdf>

FAUSTO, B. A Revolução de 1930.. In. Corpo e Alma do Brasil: Brasil em perspectiva. Org. MOTA, C. G.. Difel. 1984

FLORENTINO, M. O perfil da empresa traficante. In. Costas Negras: uma história do tráfico de escravos. Companhia das Letras. 1997.

FONSECA, P. C. D. A Revolução de 1930 e a economia brasileira. EconomiA, Brasília (DF), v.13, n.3b, p.843–866, set/dez 2012.

FURTADO, C. Formação econômica do Brasil. Companhia das letras. 2007.

GRAHAM, R. Escravidão e desenvolvimento econômico: Brasil e Sul dos Estados Unidos no século XIX. Estudos Econômicos. N. 13, v. 1. P. 223-257. 1983.

Maxwell, k. Por que o Brasil foi diferente? O contexto da Independência. In. Viagem incompleta: 1500-2000 a experiência do Brasil. Org. MOTA, C. G.. Editora Sesc. 2000.

NOVAIS. F. A.. Estrutura e dinâmica do antigo sistema colonial (séculos XVI-XVIII). Unicamp, Instituto de Economia. 2007.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. As dimensões da independência. In. 1822: Dimensões. Org. MOTA, C. G. Perspectivas. 1972.

# PORTO-GONÇALVES, C. W.. Sem Eira, nem Beira: de Economia e de Política por Meio da Formação Territorial. IELA. 2021. Disponível em: <https://iela.ufsc.br/noticia/sem-eira-nem-beira-de-economia-e-de-politica-por-meio-da-formacao-territorial>.

PRADO JR, C. Formação do Brasil contemporâneo. Editora Brasiliense: 2004.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. História Econômica do Brasil, Editora Brasiliense. 1978

RIBEIRO, D. Sobre o óbvio. In. Sobre o óbvio/Ensaios insólitos - Rio de Janeiro, Editora Guanabara,1986 (edição esgotada). Disponível em: <http://www.biolinguagem.com/ling_cog_cult/ribeiro_1986_sobreoobvio.pdf>

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. Sobre o povo brasileiro: a formação e o sentido de Brasil. Ed. Global. 2015.

SAES, F. A. M. de. A controvérsia sobre a industrialização na Primeira República. Estudos Avançados. 1989.

SANTOS, R. M. dos. Mercantilização, decadência e dominância. In. Hitória econômica do período colonial'', Editora: Hucitec/Fapesp, P. 67-77, São Paulo, (1997).

SCHWARTZ, S. B.. Segredos internos. Companhia das Letras, 1988.

SUZIGAN. W.. Origens do desenvolvimento industrial brasileiro: principais interpretações e questões em aberto.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. Industrialização brasileira em perspectiva histórica. História Econômica e História das Empresas. III, 2. P. 7-25. 2000.

# TOSI, P. G.; FALEIROS, R. N. Domínios do café: ferrovias, exportação e mercado interno em São Paulo (1888-1917). Economia e Sociedade. V. 20., n. 2. P. 417-442. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ecos/a/QH3fxGtYgVTNpZCMhMs49wH/?lang=pt&format=pdf>